

CAMINHO SEM RETORNO?

Ana Paula Pires

Desde a sua primeira edição, no segundo semestre de 2012, o livro *The Sleepwalkers. How Europe went to war in 1914*, do historiador australiano Christopher Clark, vendeu mais de 300 000 cópias, publicadas em 17 línguas. Só na Alemanha foram vendidos 160 000 exemplares da obra. No ano em que se assinala a passagem do primeiro centenário da eclosão da Grande Guerra o debate em torno das origens do conflito continua a despertar o interesse dos historiadores um pouco por todo o mundo. O contributo de Christopher Clark para esse debate é enriquecedor; desde logo porque, segundo a sua tese, o caminho que iria conduzir a Europa à guerra no verão de 1914 teve início, onze anos antes, a 11 de junho de 1903, quando 28 oficiais do exército sérvio invadiram o palácio real, em Belgrado, e assassinaram o rei Alexander e a rainha Draga. O assassinio de Alexander colocou assim um ponto final na dinastia pró-austríaca Obrenovic. Foi a imagem do assassinio do monarca sérvio, e da sua consorte, e os respetivos impactos no equilíbrio de poderes na região dos Balcãs que o autor escolheu para iniciar o volume.

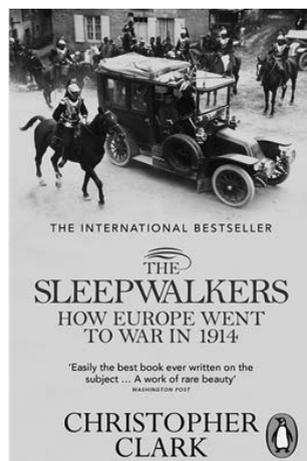
A CENTRALIDADE DOS BALCÃS

Clark descreve a Sérvia do início do século XX como um Estado fracassado, um país assente numa economia camponesa, a

quem faltava – sem uma aristocracia ou uma classe média para se apoiar – a estrutura económica e social necessária para sustentar tanto o aparelho governamental, como o parlamento. Os sérvios ambicionavam a construção de «uma grande Sérvia», objetivo que passava pela conquista das províncias eslavas do império austro-húngaro e que, para ser alcançado, necessitava do apoio da Rússia. Neste contexto importa equacionar o papel das províncias da Bósnia e da Herzegovina, administradas pelo império austro-húngaro, desde a assinatura do Tratado de Berlim em julho

CHRISTOPHER CLARK
**The Sleepwalkers.
How Europe went
to war in 1914**

Penguin Books,
Londres, 2013,
696 páginas.



de 1878, e anexadas em outubro de 1908, e a necessidade, crescente, demonstrada pela Áustria de impedir uma possível unificação eslava a sul do império.

A ênfase que Clark coloca na situação instável vivida nos Balcãs na primeira década do século XX surge indissociada do papel desempenhado pela Rússia na crise de julho de 1914, o autor prossegue, de resto, uma linha de investigação semelhante à que tinha sido desenvolvida, em 2011, por Sean McMeekin¹. Tal como McMeekin, Clark analisou detalhadamente a política e as ações expansionistas levadas a cabo pelo regime czarista, em direção a sul, demonstrando, por um lado, que as ambições expansionistas no continente europeu na primeira década do século XX estavam longe de se circunscrever à Alemanha e, por outro, a centralidade ocupada pelos Balcãs nas relações diplomáticas, políticas e económicas das principais potências europeias. A estratégia russa passava – e a criação da Liga Balcânica² era disso um bom exemplo – pela ocupação do vazio de poder que se fazia sentir na região desde o início do século XIX, coincidente com o declínio do império turco-otomano, e por uma ameaça cada vez mais premente à estabilidade «secular» de um império austro-húngaro cercado pelas ambições expansionistas (como a Sérvia se encarregaria de demonstrar invadindo a Albânia) dos Estados balcânicos emergentes. Para a diplomacia russa, o desmembramento do império austro-húngaro dar-lhe-ia a posse de territórios que lhe permitiriam «alimentar as ambições dos seus satélites húngaros»³. Clark defende que a mobilização da Rússia, após o assassinio de Francisco Fernando, foi uma das decisões que mais marcou a crise

de julho, por ter sido a primeira de uma série de mobilizações gerais. Recorde-se, aliás, que, não raras vezes, nos primeiros anos do século XX a própria Grã-Bretanha tinha procurado – primeiro junto da Alemanha e depois do Japão – aliados contra a Rússia. O autor defende assim a existência de uma ligação direta entre o regicídio de Belgrado e o assassinio do arquiduque Francisco Fernando, em Sarajevo, a 28 de junho de 1914. No centro desta ligação encontra-se, segundo a sua tese, o Tenente Dragutin Dimitrijevic – «Apis» – como era conhecido, um dos principais impulsionadores da conspiração de Belgrado e um dos fundadores da organização ultranacionalista «Mão Negra», criada em 1911 precisamente com o objetivo de promover a união dos eslavos do sul (Bósnia-Herzegovina, Croácia e Eslovénia), tendo em vista a formação de um novo Estado: a Jugoslávia⁴. «Apis» acabaria por ser nomeado chefe dos serviços secretos sérvios, em 1913, a sua escolha para o cargo foi, como demonstra o autor, essencial no desenrolar da conspiração que conduziu ao assassinio do herdeiro do trono austro-húngaro, no final de junho de 1914. Recorde-se ainda que o primeiro-ministro sérvio, Nikola Paic, que acabaria por chegar ao poder na sequência do regicídio de Belgrado, ainda ocupava o cargo em 1914.

O livro fornece-nos um conjunto de pistas, inovadoras, que ajudam o leitor a indentificar, integradamente, os fatores que determinaram o fim da *Belle Époque* e que marcaram, na expressão do historiador britânico Eric Hobsbawm, o começo do século XX⁵. O tema central e a pergunta a que Clark procura dar resposta em *Sleepwalkers* passa assim por explicar como – e não porque – é que a

guerra eclodiu na Europa no verão de 1914. Christopher Clark é professor de história contemporânea da Europa na Universidade de Cambridge. Nascido em Sidney, dividiu a sua formação acadêmica entre aquela cidade australiana, Berlim, onde frequentou a Freie Universitat, e Cambridge, onde acabaria por se doutorar. Os dois anos que passou em Berlim, entre 1985 e 1987, acabaram por marcar intensamente o seu percurso académico; na introdução do seu livro *Iron Kingdom*⁶, diz ter sido a sua vivência na cidade alemã que lhe permitiu aprofundar o seu conhecimento da história da sociedade alemã contemporânea. Nestes anos iniciais, do ponto de vista académico o seu percurso é muito marcado pelo estudo da história política e cultural da religião, em particular das relações, nem sempre pacíficas, entre o Estado e as instituições religiosas ao longo dos séculos XIX e XX. Clark acabaria mesmo por se especializar em história da Prússia. A sua primeira publicação relacionada, diretamente, com a história da Primeira Guerra Mundial surgiu em 2000, ano em que publicou uma biografia do kaiser Guilherme II⁷. Ao longo da obra, Clark acompanha o percurso dos quarenta e oito anos de reinado do imperador alemão, e, com base em fontes originais, questiona qual o seu verdadeiro papel nos acontecimentos que estiveram na origem da Grande Guerra, discutindo os objetivos, reflexos e impactos das suas ações no continente europeu no seu todo. Segundo a conclusão de Clark, Guilherme II era um homem inteligente mas com pouco discernimento, que agia, frequentemente, por impulso⁸. A crise de 1914 surge transversalmente no livro, mas,

tal como no recente *Sleepwalkers*, Clark não caiu na tentação de propor uma explicação simples para a origem do conflito.

A EUROPA E O INÍCIO DA GRANDE GUERRA

Sleepwalkers encontra-se dividido em três partes: i) «Roads to Sarajevo»; ii) «One continent divided» e iii) «Crisis». É precisamente na primeira parte do livro, sem dúvida a mais inovadora, que Clark desmonta o sistema de alianças em que a Europa se encontrava dividida desde o final do século XIX e defende que as teorias tradicionais que têm apresentado a polarização do continente como uma verdade inabalável tenderam a menosprezar a existência, antes de agosto de 1914, de várias iniciativas com vista à aproximação dos países da Tríplice Entente e da Entente Cordiale. O historiador australiano refere em particular o acordo entre franceses e alemães relativamente a Marrocos, realizado em 1909 e, um ano mais tarde, os encontros realizados entre a Rússia e a Alemanha, procurando conciliar os interesses dos dois países na Turquia e na Pérsia⁹. As iniciativas diplomáticas, tendo em vista a estabilidade do sistema internacional, procuravam, assim, demonstrar, aos olhos da opinião pública, que a paz entre as grandes potências, apesar de ameaçada por várias vezes, sobretudo durante as crises de 1911 e de 1913, era estável¹⁰. Sublinhe-se a propósito as posições antiguerra da City londrina e a postura do governo inglês, ao considerar, inicialmente, que a única forma de evitar um colapso total no crédito europeu era, num cenário de guerra na Europa, a Grã-Bretanha optar pela neutralidade.

Em 1913, o herdeiro do trono austro-húngaro, Francisco Fernando, terá mesmo lembrado ao comandante das Forças Armadas da Áustria-Hungria, Conrad von Hötzendorf, que era dever do governo preservar a paz¹¹. De uma forma mais genérica, Clark apresenta Francisco Fernando como o líder de uma facção do governo austríaco que há mais de uma década vinha perseguindo a resolução pacífica do problema dos Balcãs¹². Ironicamente, o seu assassinio marcaria o deflagrar de uma guerra sem precedentes na Europa e no mundo.

A Europa que Clark nos descreve ao longo de quase setecentas páginas de texto é um continente governado por políticos «sonâmbulos», estadistas que, segundo a interpretação do autor, teriam testado *in loco* o funcionamento de um sistema de alianças defensivas cuja compreensão estava muito para além do seu entendimento: «(...) the protagonists of 1914 were sleepwalkers, watchful but unseeing, haunted by dreams, yet blind to the reality of the horror they were about to bring into the world»¹³. Deste modo, o início da guerra, nos primeiros

dias de agosto de 1914, não foi uma consequência direta dos dois sistemas de alianças em que a Europa se encontrava dividida no início do século XX, mas antes a demonstração cabal da sua fraqueza e a constatação da incerteza quanto ao papel que cada parceiro poderia vir a ser chamado a desempenhar na respetiva aliança¹⁴. O que o livro de Clark nos relata com mestria é a forma como cada uma das principais potências europeias construiu a sua narrativa para justificar o seu envolvimento numa confrontação que, no final de julho de 1914, era já praticamente inevitável. Trinta e sete dias depois da morte do herdeiro do trono da austro-hungria, cinco das principais potências europeias (Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria-Hungria e Alemanha) estavam já em guerra, apenas a Itália conseguira permanecer neutral.

A Primeira Guerra Mundial, segundo a interpretação de Christopher Clark, foi uma tragédia, não um crime. *Sleepwalkers* é um dos melhores trabalhos historiográficos já publicados sobre as origens da Grande Guerra. Uma obra de leitura obrigatória. **RI**

NOTAS

¹ MCMEEKIN, Sean – *The Russian Origins of the First World War*, s/l, Belknap Press, dezembro 2011.

² Entre 1912 e agosto de 1913, data de assinatura do Tratado de Bucareste que pôs fim à Segunda Guerra Balcânica, a Europa presenciou o desenhar do mapa político, e geográfico, dos Balcãs; a Albânia tornou-se independente e aumentaram, de forma considerável, os territórios controlados pela Sérvia (Macedónia e Kosovo).

³ CLARK, Christopher – *The Sleepwalkers. How Europe went to war in 1914*, Londres: Penguin Books, 2013, p. 114.

⁴ STEVENSON, David – *The outbreak of*

the First World War. 1914 in Perspective, Londres: Macmillan, 1997.

⁵ HOBBSBAM, Eric – *A Era dos Extremos. História Breve do Século XX 1914-1991*, Lisboa: Editorial Presença, 2002.

⁶ CLARK, Christopher – *Iron Kingdom: the rise and downfall of Prussia 1600-1947*, Cambridge: Belknap Press, 2006.

⁷ CLARK, Christopher – *Kaiser Wilhelm II*, Nova Iorque: Longman, 2000.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Cf. LAQUEUR, Thomas – «Some Damn Foolish Thing» in *London Review of Books*, Vol. 35, n.º 23, 5 de dezembro de 2013, pp. 11-16.

¹⁰ MULLIGAN, William – *The Origins of the First World War*, Cambridge, Cambridge University Press, 2010, pp. 1-2.

¹¹ CLARK, Christopher – *The Sleepwalkers. How Europe went to war in 1914*, 2013, p. 117.

¹² LAQUEUR, Thomas – «Some Damn Foolish Thing», 2013.

¹³ Cf. CLARK, Christopher – *The Sleepwalkers. How Europe went to war in 1914*, p. 562.

¹⁴ *Ibidem*.